

Formar para e na sinodalidade: provocações a partir das fases diocesana e continental para o sínodo 2021-2024

Forming for and in synodality: inspirations from the diocesan and continental phases for the 2021-2024 synod

Júlio César Evangelista Resende¹

Resumo

O amplo processo de escuta proposto como caminho de construir para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos com o tema da sinodalidade, possibilita o corpo eclesial refletir a sua própria identidade como Igreja, e evidencia, por meio das sínteses nos diversos níveis, a urgência de processos formativos pessoais, comunitários e institucionais que fomentem a identidade sinodal da Igreja. O presente artigo se propõe a discutir esta urgência formativa indicando as dimensões da escuta, do diálogo e do discernimento como primordiais no caminho de uma Igreja sinodal. A formação específica dos agentes eclesiais, ministros ordenados e cristãos leigos, é indicada como componente essencial no caminho de se formar *para e na* sinodalidade.

Palavras-chave

Sinodalidade. Formação. Laicato. Ministros ordenados. Igreja.

Abstract

The broad process of listening proposed as a way of building the XVI Ordinary General Assembly of the Synod of Bishops with the theme of synodality, enables the ecclesial body to reflect its own identity as a Church, and points out, through the syntheses at different levels, the urgency of, personal communal, and institutional formative processes that foster the synodal identity of the Church. This article proposes to discuss this formative urgency, indicating the dimensions of listening, dialogue, and discernment as essential in the path of a synodal Church. The specific formation of ecclesial agents, such as ordained ministers and lay Christians, is indicated as an essential component on the path of being formed *for and in* synodality.

Keywords

Synodality. Formation. Laity. Ordained ministers. Church.

INTRODUÇÃO

A Igreja, povo de Deus peregrino, faz sua jornada buscando ser sinal de vida entre as alegrias e medos da história. Como caminhantes, esse povo vai tomando consciência que em seu trajeto é acompanhado do mistério de amor Trindade e de tantos irmãos e irmãs. A imagem do caminhar juntos, tradução fidedigna da palavra sínodo, revela a riqueza da experiência

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar pela PUC Minas e em Formação para a Vida Religiosa pela Catholic Theological Union (CTU). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Università San Tommaso d'Aquino e licenciado em Filosofia pela PUC Minas. Religioso da Ordem da Santa Cruz. Contato: fraterjulio@yahoo.com.br.

vivenciada de forma mais efetiva nos últimos dois anos com o grande convite para o sínodo sobre a sinodalidade.

Convocada a partir da aguçada sensibilidade do papa Francisco, a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos iniciou-se com um caminho no qual a Igreja foi desafiada a escutar, dialogar e discernir de forma mais ampla e acolhedora. A lúcida e audaciosa proposta de Francisco tem permitido reflexões e experiências que provocam o corpo eclesial a se reconhecer como Igreja à luz do que Concílio Vaticano II já almejava há décadas.

O amplo processo de escuta proposto para o sínodo sobre a sinodalidade evidencia por meio das sínteses, nos diversos níveis, a urgência de processos formativos comunitários, pessoais e institucionais que fomentem a identidade sinodal da Igreja. No contexto das rápidas mudanças culturais e sociais, se torna imprescindível que esse processo formativo seja marcado por uma dupla abordagem: que enfatize os fundamentos teológicos, bíblicos, pastorais e sociológicos desse modo de ser Igreja, mas que sejam também experiências concretas e vivenciais do caminhar juntos, superando discurso teóricos vazios.

O presente artigo se propõe a refletir sobre esta urgência formativa revelada pelas sínteses do processo de escuta. As dimensões da escuta, do diálogo e do discernimento são identificadas e apresentadas como primordiais no caminho de uma Igreja sinodal e assim compõem um importante passo no processo de formação. Em vista de “alargar a tenda” para a acolhida, a formação específica dos agentes eclesiais, ministros ordenados e cristãos leigos é indicada como um outro componente essencial. Por fim, o presente texto aborda o aspecto da conversão pastoral como peça central em uma formação que seja sinodal e que leve à tomada de consciência da sinodalidade como elemento constitutivo da Igreja.

1 CAMINHAR JUNTOS: A FORMAÇÃO PARA A ESCUTA, O DIÁLOGO E O DISCERNIMENTO

Na celebração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, o papa Francisco afirmou que o “caminhar juntos, é um conceito fácil de se expressar em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática” (FRANCISCO, 2015). A palavra do papa indica o quanto o percurso de uma Igreja sinodal é exigente e demanda de todos, cristãos leigos e ministros ordenados, uma atitude de abertura para escutar, dialogar e discernir em vista da missão. Para isso emerge como quesito necessário da vida da Igreja a formação que promova e potencialize as experiências concretas desse caminhar juntos.

O caminho sinodal proposto para o sínodo 2021-2024 por meio das fases diocesanas e continental permitiu envolver muitas pessoas em uma reflexão e discernimento conjunto e produziu muitas indicações além de ser primeiramente um exercício daquilo que a sinodalidade é na vida da Igreja. Ao se propor ouvir as vozes de muitos na Igreja e na sociedade de forma mais ampla, o processo oportunizou espaço especialmente àqueles que muitas vezes são marginalizados ou esquecidos. Os relatórios das dioceses apontaram os esforços em incluir na

escuta as vozes esquecidas pelas comunidades eclesiais como os alcoólatras, pessoas com deficiência, as pessoas LGBTQIAP+, profissionais do sexo, dependentes químicos, os que estão impedidos da comunhão eucarística (como casais em nova união), pessoas em situação de rua, pessoas em vulnerabilidade social, migrantes e refugiados, pessoas com sofrimento psíquico, os privados de liberdade, os egressos do sistema prisional e os padres fora do exercício do ministério.

Como apresentado nas sínteses diocesana e continental, a escuta identificou muitos desafios e oportunidades presentes na Igreja em cada região, bem como ajudou a compreender as necessidades e expectativas dos católicos e as aspirações da humanidade em relação à Igreja. Entre esses inúmeros aspectos, aqui se pretende debruçar e refletir sobre a formação *para e na* sinodalidade a partir da tríade escuta, diálogo e discernimento.

Para que a sinodalidade não se reduza a um simpático slogan eclesial que revele apenas uma forma de organização da Igreja, mas que seja assimilada na própria identidade do povo sacerdotal que se reúne em comunidades de fé, é necessário um consistente empenho na formação para a sinodalidade. O texto da Igreja latino-americana na mesma direção afirma: “todo o processo de renovação rumo a uma maior sinodalidade na Igreja requer mais formação” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2022, p. 32). A vivência autêntica do caminhar juntos se fortalece quando acompanhada de processos educativos que fomentem nas pessoas e comunidades o sentido de pertença e corresponsabilidade com o anúncio da boa nova.

O “alarga o espaço de tua tenda” (Is 54,2), eloquente imagem bíblica extraída do profeta Isaías e utilizada pela Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos para motivar a fase continental, demanda da Igreja uma reflexão exigente e necessária. “Alargar a tenda” evoca novas atitudes, conversão e coragem para levar à frente a dinâmica da acolhida. Alargar a tenda passa primeiramente por uma tomada de consciência da missão que a Igreja tem como comunidade peregrina e espaço de acolhida. Afirma o documento de trabalho da fase continental: “Alargar a tenda exige acolher outros no seu interior, dando espaço à sua diversidade. Requer, portanto, a disponibilidade para morrer a si mesmos por amor, reencontrando-se *na e pela* relação com Cristo e com o próximo” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021, p. 16, grifos nossos). Alargar a tenda exige sensibilidade de todo o povo de Deus, cristãos leigos e ministros ordenados. E por isso a formação no caminho dessa tomada de consciência se torna imprescindível.

O percurso para sinodalidade passa pela formação, entendida como processo que se aprende ao fazê-lo e ao vivenciá-lo. Na linha da tradição cristã, como um processo mistagógico, o qual valoriza a experiência e inserção na aprendizagem, o caminho de escuta proporciona uma experiência significativa e engajadora, no qual as pessoas podem refletir a missão da Igreja e sua pertença. A proposta metodológica do sínodo 2021-2024 possibilitou, não apenas responder perguntas, mas fazer uma verdadeira experiência de escuta mútua, de discernimento e de encontro.

Ao enfatizar a importância da participação comunitária em vista da missão, o caminho de escuta sinodal revelou o quanto a Igreja carece de processos formativos que fomentem a participação consciente. Um itinerário formativo que tenha na escuta, no diálogo e no discernimento seus componentes primordiais colaboram consideravelmente com uma Igreja sinodal.

1.1 Escuta

No contexto sinodal, a formação passa primeiramente pela habilidade de escutar. O texto-base da Campanha da Fraternidade de 2022, ressaltou o lugar da escuta entendido como “proximidade, sem a qual não é possível um verdadeiro encontro. A escuta permite encontrar o gesto e a palavra oportuna que nos desinstala da sempre e mais tranquila condição de espectador” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2021, p. 20). Assim, a escuta contribui para o discernimento, ou seja, para a reflexão crítica e a tomada de decisões conscientes. A escuta atenta promove a empatia, permitindo que se compreenda melhor as necessidades e as preocupações uns dos outros. Tal atitude é central para a construção de uma Igreja que seja mais solidária, próxima e fraterna.

O estilo de uma escuta atenta, empática e servicial revela-se como um sinal profético em uma sociedade que ouve de forma superficial ou por mera diplomacia. A escuta atenta coloca os ouvidos e o coração do discípulo neste terceiro milênio no pulsar das dores e dramas das pessoas e povos. A escuta não é um fim em si mesma, mas conduz a comunidade a discernir, aconselhar, acompanhar e em conjunto buscar alternativas diante das várias situações.

As práticas de escuta, não raras vezes, reproduzem aspectos da sociedade contemporânea fortemente marcada pela competição, produtividade, indiferença e utilitarismo. Com isso, escuta-se apenas àqueles que estão dentro dos “padrões e expectativas”, aqueles que se encaixam nos critérios “exigidos pela moral”. A escuta fundada no Evangelho não permite tais pré-julgamentos, e por isso se faz necessário formar os membros das comunidades eclesiais para que se abram a uma escuta livre e sem fronteiras. Para superar os medos diante da escuta, é imprescindível recorrer ao jeito de Jesus, e sua habilidade e abertura em escutar, esse é o modelo que forma uma Igreja da escuta atenta, compassiva e empática.

O imediatismo da sociedade contemporânea é confrontado pela dinâmica de uma escuta paciente. Caminhar juntos, é algo exigente, que demanda dos envolvidos sensibilidade e disposição. A sinodalidade supõe uma espiritualidade que consiste em amar e escutar, com responsabilidade, com compromisso e sem medo. O processo sinodal revelou a centralidade de uma espiritualidade sinodal que fomente e ajude a perseverar na escuta.

Nesse sentido, a metodologia da conversação espiritual, adotada na fase continental do processo sinodal potencializa a escuta pois “ajuda a aprender a ouvir, a dialogar, a se formar em itinerários, dinâmicas e processos que sustentam uma conversão pessoal, eclesial e estrutural” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2022, p. 21). Esse método se apresenta

como um iluminador instrumento que permite uma escuta ativa e respectiva tão necessária nas dinâmicas das comunidades, paróquias, grupos pastorais, movimentos eclesiais e na Igreja de forma mais ampla. A conversação espiritual parte do pressuposto que o Espírito do Senhor nos fala pelas palavras dos irmãos e isso abre espaço para que todos falem sem ser interrompidos, que todos sejam ouvidos sem pré-julgamentos. Tal método potencializa um ambiente que conduz ao diálogo.

1.2 Diálogo

O caminhar juntos ao mesmo tempo possibilita e demanda uma apurada capacidade para o diálogo. Desta forma, o processo formativo para o estilo sinodal de ser Igreja encontra um aspecto essencial. O diálogo é indicado no documento preparatório para o sínodo como “um caminho de perseverança, que inclui também silêncios e sofrimentos, mas é capaz de recolher a experiência das pessoas e dos povos” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021, p. 20). O itinerário de consulta atesta que o diálogo aberto e franco constrói legítimas experiências de sinodalidade e se torna componente indispensável em uma Igreja que busca escutar todos de forma ampla. Para Santos (2022, p. 58), “o diálogo autêntico nasce da necessidade do ser humano de se comunicar com o outro, e não do desejo de posse e domínio desse outro. Para haver diálogo autêntico, é necessário estar aberto à atualização”.

O papa Francisco indica que o diálogo é uma forma de escutar o outro com atenção, respeito e empatia, de modo a compreender suas necessidades, suas preocupações e seus anseios. É uma maneira de reconhecer a dignidade e o valor do outro como pessoa, independentemente de suas opiniões ou convicções.

Na encíclica *Fratelli tutti*, ao dedicar um capítulo inteiro ao tema do diálogo, o papa o apresenta como uma atitude fundamental para a construção de uma cultura do encontro e da fraternidade universal. Ele destaca que o diálogo é uma forma de superar conflitos e de promover a reconciliação entre as pessoas e os grupos, e que é uma resposta aos desafios da violência, da intolerância e do ódio. Afirma: “numa sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para se chegar a reconhecer aquilo que sempre deve ser afirmado e respeitado e que ultrapassa o consenso ocasional” (FT 221).

O caminho sinodal indicou que já não é mais possível pensar a Igreja sem considerar a urgência do diálogo e da participação de todos. No entanto, existem estruturas, dinâmicas humanas e eclesiais que são entraves ao diálogo, e por estarem presas às convicções e ideias rígidas acabam por impedir a proximidade evangélica. Nessas situações e com essas pessoas, os processos formativos corroboram para alargar os horizontes e romper mentalidades enrijecidas. As experiências circulares, com conversas abertas e que, nas relações interpessoais ou em pequenos grupos comunitários favorecem a abertura gradativa ao outro. O diálogo é permitido quando se contempla o outro com seu rosto, seu ser e não apenas suas ideias e conceitos.

O diálogo implica encontrar-se com opiniões diferentes. É um processo contínuo e dinâmico que requer humildade, paciência e abertura de espírito para aceitar as opiniões divergentes e buscar o bem comum. A riqueza desse processo sinodal tem demonstrado o quanto o elemento do diálogo é primordial na construção de uma experiência eclesial coerente com o Evangelho e capaz de ser significativa para as pessoas no terceiro milênio. Ainda que a sociedade contemporânea seja permeada por intolerância e incapacidade de ouvir uns aos outros, a comunidade cristã se torna ícone da proximidade e do cuidado quando promove autênticas experiências de diálogo.

Transpondo do campo da educação para a esfera eclesial, de muita inspiração são as palavras de Paulo Freire que indicam o diálogo não como um meio, mas como fundamento da ação educativa. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1980, p. 69). O diálogo demarca assim, a prática humanizadora, que deve estar presente na ação evangelizadora da Igreja na qual todos os batizados são sujeitos do conhecimento e colaboram na construção de experiências do anúncio do Evangelho. O movimento dialético identificado por Freire corresponde à própria essência humana e se realiza no encontro entre as pessoas.

É pertinente retomar o que o papa Francisco indica na encíclica *Fratelli Tutti* ao apresentar algumas inspirações que fomentam passos para a convivência com as diferenças e evitar a uniformização. A parábola do bom samaritano se torna exemplo de como se deve agir diante das diferenças. O samaritano é um estrangeiro que ajuda um homem que foi assaltado e deixado à beira da estrada, enquanto os outros passam indiferentes. O papa Francisco destaca que o samaritano não se importou com as diferenças culturais, religiosas ou sociais, mas sim com a necessidade de ajudar o outro ser humano. O papa destaca que o diálogo não significa uniformização, mas o respeito às diferenças e a busca pelo bem comum.

O processo de formação para uma Igreja sinodal passa pela valorização das diferenças de opiniões e posicionamentos, evitando assim a uniformização que cria guetos e exclui o que é distinto. O testemunho doloroso, transcrito em algumas sínteses diocesanas, daqueles que são deixados à margem das comunidades eclesiais, impele para a criação de espaços e processos que formem o apreço à diversidade como uma riqueza e que deve ser valorizada e respeitada.

Formar para o diálogo se apresenta como uma urgente necessidade. Tal formação, à luz da fé cristã, realiza-se em um itinerário no qual a pessoa: abre-se ao outro de forma atenta e respeitosa, desenvolve a capacidade de compreender suas emoções e necessidades, reconhece as diferenças e valoriza a diversidade, dispõe-se a ouvir as propostas diversas a fim de encontrar soluções que atendam aos interesses de todos em vista do bem comum. Sem a pretensão de ser uma receita pronta, os passos apresentados são indicações pertinentes para formar os membros das comunidades na vivência do diálogo como aspecto fundamental em uma Igreja sinodal.

1.3 Discernimento

Percorrido o caminho da escuta que conduz ao diálogo, o itinerário formativo leva ao discernimento como aspecto essencial da proposta do sínodo. O discernimento se apresenta como o exercício de fazer escolhas e opções, de apontar horizontes e indicar direções nas quais as iniciativas devem ser dirigidas. Segundo Sigismondi (2018, p. 96, tradução nossa)

o discernimento, isto é, a capacidade de ver bem, não se improvisa, mas se aprende. E isso dá concretude ao que é próprio da sinodalidade. Existem dois âmbitos em que se exerce: o espiritual e o pastoral. A rigor, o discernimento é um ato de inteligência espiritual que permite conhecer a vontade de Deus e fazer o que lhe agrada.²

Não basta para a Igreja oferecer espaços de escuta e diálogo. É necessário que tais experiências conduzam a tomadas de decisões e escolhas pastorais que deem visibilidade ao estilo participativo na vida das comunidades. Para isso, o discernimento se apresenta como terceira inspiração que brota do processo sinodal. No entanto, um efetivo discernimento carece de pessoas capacitadas para liderar e se integrarem nesse processo. As vozes das dioceses elucidadas nas sínteses apontam o despreparo das lideranças comunitárias e pastorais para liderarem processos de discernimento. Elas destacam que existe uma grande lacuna na qualificação de agentes capazes de ajudar as comunidades eclesiais a conduzirem de forma colegial e participativa escolhas atentas à voz do Espírito que fala à assembleia reunida.

O discernimento na tradição cristã é uma prática essencial na qual se busca a vontade de Deus em meio às escolhas e decisões a serem tomadas. O discernimento envolve a busca por orientar e refletir a partir dos ideais cristãos os direcionamentos. Formar para o discernimento como caminho para uma Igreja sinodal passa por uma formação que ajude na vida de oração, na escuta da Palavra de Deus, no acompanhamento espiritual tudo como abertura à ação do Espírito.

Como discípulo de Inácio de Loyola, o papa Francisco enfatiza a importância do discernimento como um elemento crucial da vida humana, não apenas em grandes momentos, mas em todas as esferas da vida. Para o papa, o discernimento é uma capacidade fundamental que todos os seres humanos devem desenvolver para enfrentar os desafios e tomar decisões em sua vida pessoal, familiar e comunitária. Diz-nos o papa: “o discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; mas é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor” (GE 169).

Para o papa, “o discernimento não é um slogan e publicitário, não é uma técnica organizativa, nem uma moda deste pontificado, mas um procedimento interior que se enraíza

² “[...] il discernimento, cioè la capacità di vedere distintamente, non si improvvisa ma si apprende. Esso dà concretezza a quanto più è proprio della sinodalità. Esistono due ambiti in cui si esercita: quello spirituale e quello pastorale. In senso stretto, il discernimento è un atto di intelligenza spirituale che consente di conoscere la volontà di Dio e di operare ciò che a lui è gradito.” (SIGISMONDI, 2018, p. 96).

num ato de fé. O discernimento é o método e, simultaneamente, o objetivo que nos propomos” (FRANCISCO, 2018a). Formar para o discernimento é educar na convicção de que nos acontecimentos da vida, na história, no encontro com as pessoas Deus está falando, e, por isso, é essencial se colocar à escuta daquilo que nos sugere o Espírito.

As pessoas na atualidade são atraídas por estímulos rápidos e múltiplos, que tornam difícil aprender a conviver com o silêncio. A riqueza de estímulos conduz a uma profunda pobreza de interioridade, ou seja, cresce a dificuldade para parar, pensar, refletir e escutar. Inserir a pessoa na dinâmica educativa do silêncio que leva à reflexão interior é resgatar o tempo e o espaço necessários para que ela se familiarize com suas próprias perspectivas e valores e processe o que as outras pessoas apresentam. É preciso cultivar o desejo de entrar na própria interioridade como lugar sagrado de ressoar a voz dos irmãos. Educar nessa experiência descortina-se como caminho necessário para superar a tendência de mera aceitação da opinião dos outros de um lado, ou a mentalidade do fechamento por outro. O discernimento surge da autêntica e abertura, em vista do autêntico equilíbrio que é fruto da ação do Espírito.

Como mencionado anteriormente, o método da conversação espiritual se revelou efetivo para o discernimento comunitário diante da diversidade dos participantes das fases diocesanas e continental. Afirma a síntese do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM):

A conversação espiritual permite falar livremente sobre questões incômodas e dolorosas, em uma experiência de relacionamento horizontal. Longe de anular a própria identidade e histórias de vida, ajuda a se colocar no lugar da outra pessoa, a se sintonizar com seus sentimentos e, a partir daí, a refinar suas próprias convicções. Esta experiência é um itinerário formativo: aberto à aprendizagem, à combinação de sentimentos e ideias que leva a mudanças, possibilita encontros improváveis, favorece o diálogo e cria canais de comunicação (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 22).

Nessa perspectiva, a formação para processos de discernimento que acolham metodologias que possibilitem um maior envolvimento dos sujeitos eclesiais e seja fortemente marcada pela natureza espiritual é fundamental na construção de experiências sinodais na Igreja. Ao indicar o discernimento como componente indispensável na formação para a sinodalidade, a escuta sinodal ressalta o quanto essa experiência é primordialmente um empreendimento de fé. O discernimento deve ser uma prática comunitária, ou seja, deve ser realizado em comunhão com os outros, pois isso ajuda a enriquecer a reflexão e a capacidade de fazer escolhas que beneficiem não apenas a nós mesmos, mas também aos outros.

Soma-se a esse caráter formativo a reflexão oferecida variadas vezes pelo papa Francisco ao dizer que o caminho sinodal não é uma espécie de parlamento, onde se disputam posições. Afirma o *vademecum* do sínodo que “isto confunde a sinodalidade com uma ‘batalha política’ em que, para governar, um lado tem de derrotar o outro. Antagonizar os outros ou encorajar conflitos divisionistas, que ameaçam a unidade e comunhão da Igreja, é contrário ao espírito de sinodalidade” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021, p. 17).

Em um estilo sinodal, decide-se por discernimento, com base num consenso que surge da obediência comum ao Espírito. Iluminar a experiência sinodal a partir da prática do discernimento estabelece uma outra dinâmica na vida eclesial que vai para além da disputa de poder e de eclesiologias. A dinâmica do discernimento se expressa na dócil escuta pessoal e principalmente comunitária ao Espírito que fala à Igreja enquanto comunidade que crê. Por isso, a formação para o discernimento emerge como aspecto indispensável em todos os níveis de formação da Igreja.

2 FORMAÇÃO COMO PROCESSO CONTÍNUO PARA TODO POVO DE DEUS: CRISTÃOS LEIGOS E MINISTROS ORDENADOS

A sinodalidade exprime o ministério da Igreja como comunhão, tanto na dimensão espiritual quanto no plano da ação pastoral. Para que a sinodalidade seja efetiva, é necessário que todos os membros da comunidade eclesial sejam formados nessa perspectiva. Isso inclui ministros ordenados, consagrados e cristãos leigos. Tal formação envolve muitos aspectos desde a educação sobre a história e a teologia da sinodalidade, o fundamento batismal como povo sacerdotal, passando por aspectos práticos e por estruturas de participação. Tal percurso possibilita que os sujeitos eclesiais reconheçam os fundamentos bem como a prática da escuta, do diálogo e do discernimento.

Segundo Cipollini (2021, p. 14), “na sociedade atual, os fiéis não poderão ser testemunhas e missionários, se o tipo de convivência intraeclesial não os tornar capazes e responsáveis”. Emerge assim, a necessidade de formar os cristãos leigos para um maior protagonismo a partir de sua vocação batismal em linha de continuidade com a eclesiologia do Vaticano II. A escuta sinodal sublinhou com ênfase a formação para a sinodalidade e que tal experiência seja vivenciada de forma sinodal.

O contexto sociocultural da atualidade desafia a Igreja, pois ao mesmo tempo que existe o anseio pelo protagonismo no qual as pessoas demandam por participação e autonomia, constata-se o crescente descompromisso com projetos coletivos e comunitários. Além disso, a persistente cultura clerical ofusca a eclesiologia do povo de Deus, inibindo o protagonismo, no corpo eclesial, de todos os batizados. É nessa complexa e ambígua conjuntura que a comunidade é chamada a empreender iniciativas de forma criativa que formem e despertem para o sentido do caminhar juntos.

2.1 Formação dos cristãos leigos

A retomada da eclesiologia do povo de Deus e o sacerdócio comum dos fiéis, como apresentados pelo Vaticano II, é indicada pela escuta sinodal como elemento base de toda formação para a sinodalidade. Os fiéis são incorporados pelo batismo e renascem como filhos de Deus: “o cristão, pelo batismo, é vocacionado, chamado pelo Pai a ser ouvinte da Palavra. Adotado como filho bem-amado e justificado dos seus pecados é incorporado a Jesus Cristo.

Ungido pelo Espírito para a missão, é inserido na Igreja” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2002, n. 86).

Ao propor recuperar as indicações da *Lumen gentium* sobre a Igreja como povo de Deus, o caminho sinodal revela o quanto é necessário reapropriar a compreensão da vocação comum, na qual, todos os batizados são chamados à santidade e a serem testemunhas do Evangelho no mundo. A partir desse pressuposto primordial, os cristãos leigos encontram a legitimidade e o dever de colaborar ativamente na vida das comunidades eclesiais como discípulos missionários. Por isso, a formação se ancora em uma teologia da comum dignidade dos batizados. Indica Catelan (2018, p. 400): “o crescimento no caminho sinodal depende, em grande medida, de conversão sinodal, de atitudes e estilos, que respeitem as condições diferenciadas de todos os membros do povo de Deus como plenos sujeitos eclesiais”.

A formação que conduz a uma retomada da consciência batismal consequentemente leva a uma vivência autêntica da fé, nas comunidades e na sociedade. Assim, a sinodalidade promove a participação de todos “de acordo com a vocação de cada um. A identidade batismal compartilhada nos move a enriquecer a ligação entre o *sensus fidei*, o discernimento comunitário e a autoridade pastoral” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2022, p. 104).

A partir dessa renovada consciência batismal, não se pode pensar em sinodalidade sem que haja oportunidade para que os cristãos leigos tenham acesso a processos formativos que sejam integrais, ou seja, que formem nas dimensões da fé e da vida. As sínteses diocesanas, nacional e continental apresentam uma longa lista de áreas e temas indicando-os como componentes formativos desde a formação espiritual e litúrgica até a utilização das ferramentas digitais para a comunicação.

Uma Igreja sinodal traz vivamente em sua essência a comum dignidade batismal e assim é uma Igreja toda ministerial. A formação desperta e incentiva a ministerialidade nas comunidades, por meio da diversidade dos ministérios reconhecidos, mas não instituídos e os ministérios instituídos. A escuta sinodal indicou que se deve valorizar também os ministérios espontâneos, aqueles que surgem da generosidade criativa, simples e serviçal do povo de Deus. Nesse aspecto, é importante ressaltar o papel das mulheres e quanto ainda se precisa progredir para melhor acolher e integrar seus ministérios nos processos decisórios dentro da Igreja.

Ganha relevância a insuficiente formação que conecte os aspetos da fé com os da vida social, por isso a inclusão da Doutrina Social da Igreja (DSI) se apresenta como elemento primordial. No cenário contemporâneo, no qual acontece uma acentuada desassociação entre fé e vida, e até mesmo uma perseguição ideológica à dimensão social da fé, formar-se a partir da DSI permite que a comunidade eclesial seja sinal profético no mundo e efetivamente sinodal.

Reconhecidos amplamente como efetivo instrumento e instância de participação e comunhão na vida eclesial, os diversos conselhos presbiterais, econômicos e pastorais dependem de membros formados para uma atuação eficaz. A demanda por formação tanto para

leigos como ministros ordenados é uma urgência na Igreja, a fim de que esses espaços oficiais de participação promovam legítimas experiências de sinodalidade. Uma formação adequada permitirá que os conselhos sejam espaços de inclusão, diálogo, transparência e discernimento.

Por fim, a formação para a sinodalidade possibilita aos cristãos leigos criar uma cultura de participação ativa na Igreja. Os membros da comunidade eclesial são incentivados a se envolver, contribuindo com seus talentos e habilidades na missão evangelizadora. A formação em sinodalidade garante que a Igreja seja verdadeiramente uma comunidade de discípulos missionários, trabalhando juntos para construir o Reino de Deus.

2.2 Formação dos ministros ordenados

Uma Igreja sinodal que acolhe e encoraja a participação dos cristãos leigos em sua vida e missão demanda que seus ministros ordenados possam ser promotores desse caminhar juntos. A escuta do caminho do sínodo indicou a urgente e necessária revisão dos processos formativos dos ministros ordenados. Não se pode negligenciar a tensão existente entre um laicato consciente de sua vocação e papel dentro da Igreja diante de ministros ordenados e alguns grupos de leigos que possuem certa visão piramidal profundamente enraizado numa cultura clericalista.

Na perspectiva da formação dos ministros ordenados, evidencia-se a importância da dimensão humana para que possam relacionar-se e conviver melhor com o povo. Emana das sínteses a necessidade de propor itinerários formativos permanentes para os ministros ordenados na perspectiva da sinodalidade como caminho para superar o clericalismo, a má relação com o poder e a liberdade, as dificuldades no testemunho do Evangelho, o individualismo e as divisões causadas por divergências ideológicas.

Segundo Czerny (2022, p. 67), “a cultura clericalista continua sendo reforçada e perpetuada cada vez que se buscam vantagens, status e segurança para o clero, o que nada tem a ver com serviço, mas com poder e privilégio”. Por isso, a formação nos seminários e casas religiosas, potencializando e valorizando formas mais fraternas, dialogais e participativas promoverá um exercício do sacerdócio ministerial compreendido como serviço à comunidade de fé.

O clericalismo, entendido como a expressão do autoritarismo clerical, é amplamente denunciado como deformação do serviço ministerial em um abuso de poder. Uma Igreja sinodal passa necessariamente pela atitude corajosa de “repensar o perfil dos ministérios, especialmente dos ministros ordenados, para que exerçam seu ministério ‘na’ comunidade e não ‘sobre’ ela, com uma formação em estreita relação com os processos pastorais e a vida do povo que vão servir” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 37).

Diante de uma mentalidade clericalista que limita as experiências sinodais, a formação *para* e *na* sinodalidade se apresenta como antídoto fundamental contra essa visão piramidal e elitizada da vida eclesial. O apelo lançado no percurso de escuta e discernimento pede uma

contínua promoção de iniciativas que ajudem todo o corpo eclesial a assumir seu protagonismo na ação evangelizadora. A formação *para e na* sinodalidade se apresenta assim, como o princípio propulsor desse jeito de ser Igreja, capaz de superar mentalidades destorcidas e centralizadoras. “O exercício do *sensus fidelium*, de uma Igreja sinodal fundada em uma cultura eclesial marcadamente laical, é o melhor antídoto ao clericalismo, seja de clérigos, seja de leigos clericalizados” (BRIGHENTI, 2022, p. 134).

A formação para a sinodalidade é chamada a ser processual, receptiva à mudança e permanente. A experiência de reflexão vivida nesse tempo, sobre o exercício cotidiano da sinodalidade na vida eclesial, mostrou a importância de desenvolver processos formativos com o povo de Deus. Afirmou a síntese brasileira: “o exercício da sinodalidade se apresenta como um compromisso inadiável para a Igreja nesse milênio” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2022, p. 18).

Suscitada pela formação *para e na* sinodalidade, a conversão surge como consequência do caminho percorrido. O avanço autêntico no caminhar juntos leva à conversão pastoral que demanda de todos a disposição e abertura para fortalecer a cultura do diálogo, da escuta mútua e de processos que envolvam mais todas as forças vivas das comunidades eclesiais assim como aqueles que estão mais à margem.

No *Documento de Aparecida*, a conversão pastoral é apresentada como indispensável para que a Igreja e seus agentes passem de uma pastoral de manutenção para uma pastoral missionária (Dap 365). No movimento em busca de repensar a ação evangelizadora, o papa Francisco se refere à Igreja como *Ecclesia semper reformanda*, solicitando uma conversão de toda a comunidade eclesial. O próprio caminho de preparação para os sínodos como indicado na *episcopalis communio*, oficializa como parte do processo uma ampla consulta ao povo de Deus evidencia a busca de conversão ao alargar a participação nas reflexões sobre a vida e missão da Igreja.

Indicada como atitude indispensável na construção de uma Igreja sinodal, a conversão pastoral demanda o empenho convicto de todo o corpo eclesial. O apelo à conversão que brota da participação das dioceses indica que esse caminho mudança precisa de uma audaciosa coragem de iniciar processos que partam da participação efetiva dos sujeitos eclesiais. Iniciativas isoladas, sem escuta, diálogo e discernimento tendem a ser experiências frustrantes e vazias, pois são maculadas pela falta de sinodalidade. Sem receitas prontas e milagrosas, o caminhar junto se torna a mais efetiva maneira de percorrer o itinerário da conversão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sinodalidade se tornou um conceito relevante nos últimos anos, ainda que suas origens estejam nos primórdios da Igreja. Provocados pela convocação de um sínodo sobre o tema, o corpo eclesial tem se debruçado sobre esse elemento constitutivo do ser Igreja e redescoberto sua importância assim como, as exigências que sinodalidade traz. Uma Igreja

sinodal demanda uma profunda mudança de mentalidade em todos para que se efetive a comunhão e a participação em vista da missão.

O caminho de escuta do sínodo 2021-2024 tem indicado que para que a sinodalidade seja efetiva, é necessário que todos os membros da comunidade eclesial sejam formados nessa direção. A formação se apresenta como um importante componente que contribuirá na tomada de consciência da vocação batismal de todo o povo de Deus e no fortalecimento de uma cultura de participação ativa na Igreja baseada na escuta, no diálogo e no discernimento.

Por fim, formar para e na sinodalidade constituiu um elemento importante para estabelecer bases efetivas que oportunizem experiências sinodais concretas inclusive para aqueles que desconfiam desse jeito de ser Igreja e, assim, possam melhor compreender, assimilar e abraçá-lo. Dessa forma, a comunidade eclesial será mais fiel ao convite do Senhor e poderá melhor discernir seus impulsos. A experiência, ainda que limitada, do processo de escuta deste sínodo de 2021-2024 expressa o quanto é pertinente promover a sinodalidade como aspecto essencial da identidade da Igreja, para que, dessa forma, possa-se, nas palavras do papa Francisco, fazer aquilo que Deus espera da Igreja neste terceiro milênio. ✨

REFERÊNCIAS

BRIGHENTI, Agenor. Perfil dos padres novos no Brasil. Interpelações dos resultados de uma pesquisa-de-campo. **Seminarios**, Madrid, v. 67, n. 230, p. 123-134, 2022. Disponível em <https://seminariosdigital.es/index.php/RevistaSeminarios/article/view/1045/1180>. Acesso em: 15 maio 2023.

CIPOLLINI, Pedro. **Sinodalidade**: tarefa de todos. São Paulo: Paulus, 2021.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição dogmática Lumen gentium**: sobre a Igreja. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Batismo**: fonte de todas as vocações. Texto-base do ano vocacional 2003. Brasília, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Síntese do Brasil para a etapa continental do sínodo 2021-2024. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**, 5 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2023/03/Sintese-do-Brasil-para-a-Etapa-Continental-Cone-Sul.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias**. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Por uma Igreja sinodal**: comunhão, participação e missão. Resumo da fase continental do sínodo na América Latina e Caribe. Bogotá, 2023. Disponível em: https://celam.org/wp-content/uploads/2023/04/Sintesis-Fase-Continental-del-Sinodo-en-ALC_PT.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

CZERNY, Michael. Uma Igreja que caminha junto. Sinodalidade na era do papa Francisco. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 67-88, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5009/4828>. Acesso em: 17 maio 2023.

FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli tutti sobre a fraternidade e a amizade social**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO. Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos. **Santa Sé**, 17 out. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 1 abr. 2023.

FRANCISCO. Discurso do papa Francisco na abertura da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. **Santa Sé**, 3 out. 2018a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Gaudete et exultate sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2018b.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SANTOS, Jesus. **Presbíteros sinodais: comunhão, participação e missão**. Aparecida: Santuário, 2022.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão**. Documento de trabalho para a etapa continental. Vaticano, 2022. Disponível em: <https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/Documento-Tappa-Continentale-POR.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão**. Vademecum para o sínodo sobre a sinodalidade. Vaticano, 2021. Disponível em: <https://www.synod.va/en/documents/vademecum.html>. Acesso em: 9 abr. 2023.

SIGISMONDI, Gualtiero. Discernimento pastorale: esercizio alto di sinodalità. In: ARQUIDIOCESE DE MILÃO. **La sinodalità nella Chiesa**. Milão: Centro Ambrosiano, 2018. p. 95-110.

Recebido em: 07/04/2023.

Aceito em: 08/06/2023.